

## CINEMA E EDUCAÇÃO: A DIMENSÃO DIALÉTICA DO CINEMA E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUOS<sup>1</sup>

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fabiane Santana Previtali<sup>2</sup>**

**Bruna Beatriz Lemes Carneiro<sup>3</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho refere à pesquisa realizada em nível de mestrado sobre a relação entre o cinema e a educação, no qual buscamos problematizar o cinema no bojo da sociedade capitalista, de modo que pudemos evidenciar sua dimensão dialética e o seu papel na formação da subjetividade dos indivíduos enquanto manifestação cultural, seja no sentido de reproduzir a ideologia dominante servindo a manutenção do sistema vigente, ou mesmo para a formação de uma consciência crítica em relação a realidade. Através do materialismo histórico-dialético, apreendemos a historicidade do cinema que possui uma relação íntima com o contexto histórico com o qual se desenvolve. Consideramos a educação em um processo amplo que se dá em vários espaços da vida em sociedade e através do consumo cinematográfico nos educamos, pois o cinema também possui uma dimensão pedagógica.

**Palavras-chave:** Indústria Cultural – Cinema – Educação.

### Introdução

Sabendo a relevância social que o cinema mantém em nossa sociedade a presente pesquisa realizada em nível de mestrado procurou investigar como este artefato cultural faz parte da formação e do processo de socialização dos indivíduos.

A discussão sobre a Indústria Cultural resulta da experiência de Adorno e Horkheimer no exílio nos Estados Unidos. Naquele período a produção cultural norte-americana era já um

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em nível de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal de Uberlândia -UFU. Atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/INCIS e no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/FACED/UFU. Coordena o Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade -GPTES. Pesquisadora Fapemig e CNPq. E-mail: [Fabiane.previtali@gmail.com](mailto:Fabiane.previtali@gmail.com). Uberlândia - MG

<sup>3</sup> Graduada em Serviço Social pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia - UFU e estudante de graduação em Filosofia – IFILO/UFU. E-mail: [b.beatrizlec@gmail.com](mailto:b.beatrizlec@gmail.com).

fenômeno consolidado e fazia parte de uma estrutura mercantil mais abrangente e a ainda mais complexa.

Na *Dialética do Esclarecimento* Max Horkheimer traz a ideia de que a Indústria Cultural é apenas um artifício de enganar as massas aliada a visão de Theodor Adorno no qual se tratava de uma manifestação do capitalismo avançado que mercantiliza a arte, destrói a sua lógica interna e cria fetiches agradáveis aos sentidos.

Como nos indica a leitura do livro, os autores consideravam o cinema enquanto parte da Indústria Cultural ao lado do rádio e da TV e, através da observação do desenvolvimento da indústria na sociedade de classes os autores formulam uma dura crítica sobre como ela está submetida a lógica do sistema do capital.

Passados mais de cem anos do surgimento da sétima arte e mais de setenta anos da *Dialética do Esclarecimento*, onde os autores Adorno e Horkheimer mencionaram pela primeira vez o conceito de Indústria Cultural, a discussão sobre os artefatos culturais, sobretudo o cinema na era do capitalismo tardio ainda se faz atual.

O cinema é hoje um importante meio de comunicação e expressão artística em todo o mundo, sendo um rico objeto de estudos que traz uma série de elementos que podem nos ajudar na compreensão e reflexão da realidade. Este artefato cultural no século XXI já se consolidou enquanto manifestação cultural que faz parte da formação dos sujeitos nas sociedades capitalistas.

Ao aprofundar sobre a história do cinema percebemos que há uma visão de que se trata de um artefato que serve apenas para a manipulação e dominação. No entanto, consideramos que este se trata de um olhar muito reducionista sobre o que é o cinema, pois, antes de ser indústria ele é uma expressão artística unicamente humana e que faz parte da vida de pessoas em todo o mundo e participa da formação da subjetividade dos sujeitos em sociedade e em cada lugar o cinema tem a sua história.

De fato, não podemos negar que enquanto indústria o cinema tende a reproduzir o próprio modo de vida do sistema do capital, naturalizando realidades que estão presentes não apenas nos filmes, mas a própria realidade.

No entanto, na segunda metade do século XX em vários lugares do mundo se viu crescer os chamados Movimentos de Renovação do cinema o que deu uma nova visão sobre o potencial

da sétima arte enquanto um reduto de crítica à realidade social estabelecida, diferentemente da visão fatalista dos autores da *Dialética do Esclarecimento*.

Em nossa pesquisa procuramos trazer a luz algumas dessas escolas de renovação cinematográfica, dentre elas o *Cinema Novo* brasileiro que teve e tem ainda uma importante relevância para história no modo de se fazer cinema, mas que por alguma razão ainda são pouco conhecidos pelos próprios brasileiros.

Na pesquisa procuramos evidenciar como o cinema muito além de apenas reproduzir a ideologia dominante pode também servir para fazer a crítica a sociedade e a realidade que são estabelecidas, evidenciando o potencial transformador da sétima arte.

Através do materialismo histórico dialético pudemos compreender o cinema no movimento do capitalismo em diferentes contextos históricos no qual evidenciamos a dimensão dialética do cinema na sociedade capitalista do mais alto desenvolvimento tecnológico, onde podemos perceber não só a sua função na formação de uma consciência alienada, mas também o seu contrário, ou seja, o cinema enquanto crítica, enquanto denúncia e reflexão, que pode contribuir para a formação de uma consciência crítica que possa nos levar à construção de um novo mundo.

## **1. A Indústria Cultural: o cinema como mistificação das massas.**

O cinema hoje faz parte da vida de milhares de pessoas em todo o mundo. Em vários lugares as pessoas utilizam o seu tempo livre para consumir este artefato cultural. Em sociedades tecnológicas como a nossa as possibilidades de consumo do conteúdo fílmico foram indiscutivelmente ampliadas.<sup>1</sup> É inegável o poder de sedução da indústria cinematográfica que com suas grandes produções seguram a atenção dos indivíduos às telas desde a mais tenra idade.

O cinema é parte do que os autores Adorno e Horkheimer da chamada Teoria Crítica durante o exílio nos Estados Unidos denominaram por indústria cultural. Em suas considerações feitas no fragmento *Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas* do livro

---

<sup>1</sup> Atualmente o consumo do conteúdo cinematográfico não se resume as salas de cinemas instaladas nos grandes centros de consumo. Além da tradicional tela do cinema, ainda podemos assistir filmes na televisão ou mesmo pelo celular com as plataformas de *streaming* (NETFLIX, AMAZON, DISNEY+, etc.) que ganharam o mundo nos últimos dez anos.

*Dialética do Esclarecimento*, os autores evidenciam como a racionalidade econômica está presente na produção cinematográfica. Para eles, “a regressão do esclarecimento à ideologia encontra no cinema e no rádio a sua expressão mais influente” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 15)

Na obra, eles mostram como o esclarecimento converte-se em mitologia, pois, ao contrário do que se imaginava, que o progresso técnico-científico levaria a humanidade ao reino da liberdade, tem na verdade a submetido ainda mais ao total controle do capital. Os autores afirmam que, “o esclarecimento consiste no cálculo da eficácia e na técnica de produção e difusão.” (ADORNOR, HORKHEIMER, 2006, p. 15)

De acordo com os autores a indústria cultural serve aos interesses do grande capital, contribuindo assim para a manutenção de uma consciência alienada possibilitando a continuidade do sistema vigente. Suas considerações partem das observações acerca do desenvolvimento do capital monopolista, período este em que o cinema nasce e torna-se também uma grande indústria. Os autores escrevem,

O cinema e o rádio não precisam se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles definem a si mesmo como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 99).

Para eles o cinema nascido no bojo da Segunda Revolução Industrial, ou seja, na era do capital monopolista tornou-se como tantos outros um negócio, destina-se a manipulação e manutenção de uma consciência alienada em relação à realidade à qual a humanidade está submetida.

O cinema é um produto do avanço e progresso técnico-científico, ou seja, um produto do próprio esclarecimento. Foi o domínio da técnica que tornou possível a imagem em movimento. O invento cinematográfico ganha popularidade no período em que a burguesia passa a exercer o seu domínio, expandindo as grandes indústrias, atravessando fronteiras do mundo todo. BERNADET (2017), em seu livro *O que é cinema?* Afirma,

A máquina cinematográfica não caiu do céu. Em quase todos os países europeus e nos Estados Unidos no fim do século XIX foram-se acentuando as pesquisas para a produção de imagens em movimento. É a grande época da burguesia triunfante, ela está transformando a produção, as relações de trabalho, a sociedade. Com a Revolução Industrial; ela está impondo seu domínio

sobre o mundo ocidental, colonizando uma imensa parte do mundo que posteriormente viria a chamar-se Terceiro Mundo. (BERNADET, 2017, s/p)

Surgido no final do século XIX, há razões para se considerar que o cinema, embora não tenha sido desenvolvido com a intencionalidade de dominar e manipular os indivíduos em sociedade, a condições sociais que se estabeleceram com a propriedade privada, possibilitou que também se tornasse meio de dominação ideológica. Ainda na *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer afirmam,

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas, o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força própria na injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas a padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a uma lei evolutiva da técnica, mas à sua função na economia atual. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 100)

Ou seja, para os autores, a medida em que se aumenta o poder tecnológico de uma sociedade, é também o poder dos economicamente mais fortes e que esses possuem de exercer o seu domínio sobre sociedade. A técnica no bojo da sociedade capitalista é antes de qualquer coisa propriedade privada, o modo como ela é empregada só evidencia o quão a sociedade está alienada de sua própria condição.

Apesar dos autores terem escrito ainda no século passado, as suas observações nos parecem muito atuais no século XXI, ainda mais quando observamos o avanço das chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC'S). Apesar do imenso avanço tecnológico do qual a humanidade pode presenciar em que poderíamos estar dirigindo nossos esforços para melhorar as condições de vida, não para alguns mas para toda a humanidade, o que temos visto é o caminho contrário. Um exemplo que podemos pensar é o desenvolvimento dos aplicativos. Hoje basta apenas alguns cliques no celular que você pode se locomover, pedir comida etc.

Em uma sociedade que gira em torno da ideia de que “tempo é dinheiro”, esses aplicativos são apresentados a nós como uma forma de facilitar a nossa vida, como uma necessidade que melhora as nossas condições de existência, agilizando a vida cotidiana em um momento na história em que parece que o tempo é cada vez mais escasso, em que somos cada vez mais subsumidos pelo trabalho alienado. Estamos tão ocupados, precisando trabalhar cada



vez mais horas por dia que não temos tempo de fazer uma atividade basicamente humana, que é se alimentar com qualidade.

Por trás dessa aparência, de que esses aplicativos foram criados como uma forma de melhorar as condições de vida, o que temos vivenciado na realidade é o aumento exponencial da superexploração do trabalho alienado, em que os trabalhadores(as) desses aplicativos não possuem vínculo empregatício, qualquer tipo de seguridade e direito social ou trabalhista, tendo que se submeter a horas extenuantes de trabalho para tirar o mínimo possível para sua sobrevivência. Vivemos em um mundo, em que cada vez mais, não trabalhamos para viver, mas vivemos para trabalhar.

Os autores da *Dialética do Esclarecimento* viram como o desenvolvimento dos processos históricos, a racionalidade irracional do modo de produção capitalista e da técnica submetida a esse modo de produção nos conduzia a passos largos a barbárie, e como previram os autores, temos visto a barbárie se instalar dia após dia em nosso tempo.

O domínio da técnica tem submetido a humanidade cada vez mais ao domínio do capital. Mas o que tem nos levado na era do mais alto desenvolvimento tecnológico se submeter a condições de vida cada vez mais desumanizadas?

Em nosso estudo, foi possível compreender como a divisão do trabalho (primeiro a divisão entre trabalho espiritual e manual, e posteriormente com o desenvolvimento da indústria, a divisão do trabalho nos mais diversos processos de produção da mercadoria), tem ao longo dos séculos se fragmentado mais e mais, alienando toda a humanidade de todos os meios de sua existência.

Nos *Manuscritos de 1844*, Marx considera que a alienação do trabalho está na raiz de todos os complexos da alienação. O desenvolvimento da propriedade privada, a divisão do trabalho cada vez mais sistemática alienou o ser humano de todas as suas relações, da natureza, de si, do seu ser, assim como do próprio ser humano.

Certamente, Marx não viveu para ver o nascimento da sétima arte, no entanto, seus escritos nos permitem compreender como as condições estabelecidas nos períodos anteriores possibilitaram o surgimento do cinema e como ele tem se submetido ao sistema que fora estabelecido desde a Revolução Burguesa, o sistema do capital. O cinema foi destinado ao

entretenimento, contribuindo para manutenção de uma consciência alienada e perpetuação do sistema vigente.

Inserido nessa lógica da racionalidade econômica o cinema passa também a se organizar e a se destinar a dominação da humanidade e isso pode ser percebido no modo como se organiza a indústria cinematográfica, não só na sistemática divisão do trabalho que está estabelecida pelo modo de produção capitalista, mas também, pelo próprio conteúdo que é transmitido nas diversas telas, que possui um papel educativo<sup>2</sup>. Ainda na *Dialética* os autores afirmam,

Se em nossa época, a tendencia social objetiva se encarna nas obscuras intenções subjetivas dos diretores gerais, estas são basicamente as dos setores mais poderosos da indústria: aço, petróleo, eletricidade, química. Comparados a esses, os monopólios culturais são fracos e dependentes. Eles têm de se apressar em dar razão aos verdadeiros donos do poder, para que sua esfera na sociedade de massas – esfera essa que produz um tipo específico mercadoria [...] A dependência que se encontra a mais poderosa sociedade radiofônica em face a indústria elétrica, ou a do cinema relativamente aos bancos, caracteriza a esfera inteira, cujos setores individuais por sua vez se interpenetram numa confusa trama econômica. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 101)

Nesta breve passagem, os autores entendem que os interesses das classes dominantes, dos donos do grande capital estão encarnados nas tendências do desenvolvimento da sociedade de modo que está presente também no cinema. Eles entendem que comparado as grandes indústrias “os monopólios culturais são fracos e dependentes” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 101), o que significa que as indústrias culturais, elas dependem das grandes indústrias e isso é até mais evidente nos dias de hoje.

Através da indústria cultural e fundamentalmente no cinema enquanto integrante deste tipo de indústria nos é apresentado um imenso universo de mercadorias que foi possível se tornar mercadoria pelo trabalho social total de toda a classe trabalhadora.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Quando falamos em um papel educativo do cinema entendemos que através do consumo fílmico os indivíduos também se educam. O cinema pode ter uma função educativa que simplesmente reproduz as relações alienadas de produção ou voltado para um pensamento crítico em relação a realidade vigente.

<sup>3</sup> Para se ter uma ideia de como os meios de comunicação estão submetido aos interesses do grande capital, basta olhar ao redor. Quando acessamos a qualquer site, as redes sociais, somos o tempo todo bombardeados por inúmeras propagandas. Na TV e no cinema não é diferente, quando vemos um filme ao longo da história são apresentadas na tela diversas mercadorias que passam a fazer parte da subjetividade dos indivíduos, tornando-se objeto desejável. Na TV, a mesma coisa, entre os diferentes canais, nas suas programações que são sempre mais do mesmo são veiculados tanto pelos programas que fazem a publicidade assim como nos intervalos comerciais um universo de mercadorias.

Mas, não só mercadorias. Também são exibidos padrões e valores sociais que são aceitos e divulgados por esse meio de entretenimento. É evidente que os meios de comunicação, no rádio, na TV e no século XXI, a internet ter servido essencialmente à um fim: a valorização do capital.

De acordo com Adorno e Horkheimer, todo traço de pensamento crítico é destruído pela indústria cultural. A ideologia dominante é disseminada e naturalizada, como se a realidade não fosse construída por todos indivíduos da sociedade, como se essa realidade fosse dada e acabada. A Indústria Cultural tem sido um sofisticado meio de dominação e manutenção do sistema vigente. Na *Dialética do Esclarecimento*, os autores escrevem;

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, por que este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção cotidiana, tornou-se a norma da produção. Quanto maior a perfeição com que suas técnicas duplicam os objetos empíricos, mais fácil se torna hoje obter a ilusão de que o mundo exterior é o prolongamento sem ruptura do mundo que se descobre no filme. Desde a súbita introdução do filme sonoro, a reprodução mecânica pôs-se ao inteiro serviço desse projeto. A vida não deve mais, deixar-se distinguir do filme sonoro. Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 104)

Ou seja, os filmes são feitos para que pareçam o mais real possível, como se a realidade expressa na tela fosse a própria realidade de modo que o cinema reproduz e naturaliza padrões e valores que estão presentes na realidade concreta, no entanto, a partir do ponto de vista dos detentores do poder, pois, como foi explicitado, os interesses das classes dominantes estão expressos na indústria cultural por esta apresentar uma forte dependência das grandes indústrias.

As instituições da indústria cultural como o cinema é destinado para o consumo quando os trabalhadores não estão ocupados em sua atividade produtiva. É entendido como entretenimento para as massas. Para os autores da *Dialética do Esclarecimento*, é destinada a diversão. Eles escrevem, “Todavia, a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 112), pois consideram que a “diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 113). Ainda segundo os autores,





Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado para se por de novo em condições de enfrenta-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a produção de mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. O conteúdo não passa de uma fachada desbotada, o que fica gravado é a sequencia automatizada de operações padronizadas. Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.113)

Portanto, a diversão é procurada por aqueles que querem escapar do trabalho alienado. Procuramos nos divertir como uma forma de se desligar do momento do trabalho e o cinema por sua vez, tem espaço nos momentos destinados ao ócio. Mas, muito além de entretenimento, ele tende a reproduzir nas diversas telas os ideais das classes dominantes e por vezes as visões que ela possui de si própria, podemos ver em diversas obras cinematográficas, fundamentalmente naqueles filmes que batem os recordes de bilheteria, o retrato que a burguesia faz de si mesma.

Os filmes hollywoodianos dos quais podemos ter um fácil acesso hoje seja na tv, ou num aplicativo de celular nos permite ter uma ideia disso, de como no cinema a burguesia busca apresentar a ideia que tem de si própria. Os filmes de heróis como os da MARVEL aliado a leitura dos autores da Teoria Crítica nos permitem fazer tal suposição.

Quem é o herói no filme Homem de Ferro como ele mesmo se descreve: “gênio, playboy, bilionário e filantropo”.<sup>4</sup> Dificilmente vamos encontrar no rol dos heróis da grande indústria cinematográfica algum que fuja as descrições do personagem.

São diversos os filmes da indústria hollywoodiana que traz sob a forma de entretenimento os interesses, as visões de mundo que convergem com os interesses da classe dominante independente das diferenças dos gêneros fílmicos, sejam de ação, romance, terror, etc. Todos eles vêm carregados de ideologia, mesmo que não a percebamos, ela está lá, entorpecendo nossa mente, nossas visões de mundo, atrofiando nossa capacidade de imaginação, a nossa capacidade de acreditar e agir na direção da construção de um mundo melhor, um mundo que não seja de alguns, mas que seja compartilhado por todos.

---

<sup>4</sup> O modo como o personagem dos filmes se apresente não difere muito da visão que os grandes meios de comunicação apresentam dos bilionários e donos do poder, criando uma aura de benevolência dos ricos que se preocupam em salvar a humanidade, quando na verdade deteriora as relações sociais.

A organização da cultura enquanto indústria guiada de modo cego pela racionalidade econômica tem se tornado um entrave a emancipação humana dos indivíduos. Tem nos conduzidos dia após dia à barbárie, à nossa própria destruição na medida em que mantém nossos olhos presos as variadas telas hoje possíveis e nossa consciência em uma realidade ilusória, reduzindo a existência ao “eu” como se a existência do indivíduo fosse apartada da totalidade.

Os autores da Teoria Crítica compreenderam muito bem os rumos dos meios de comunicação e de massas e vislumbraram o potencial de dominação intrínseco a este empreendimento que deu seus primeiros passos ainda no final do século XIX. Eles perceberam como a racionalidade econômica das grandes indústrias também se tornaram a racionalidade do cinema enquanto indústria, servindo essencialmente aos interesses da propriedade privada.

No entanto, como já elucidado o cinema é hoje parte da vida de milhões de pessoas ao redor do mundo e aceitar que ele é apenas uma forma de dominação é ignorar as inúmeras manifestações cinematográficas que procuraram e que procuram ir muito além de simplesmente reproduzir a ideologia e a realidade tal qual estabelecida mas, se contrapor a ela.

Ao longo da pesquisa demos um mergulho na história do cinema procurando compreender como ele se relaciona com a ideologia e a organização do modo de produção capitalista e através da leitura inúmeras referências que tratam sobre o tema do cinema pudemos ter um panorama das diversas manifestações cinematográficas ao longo da história e ao redor do mundo que se contrapunham ao cinema indústria. Alguns exemplos que podemos citar são: a *Nouvelle Vague* na França, o *Neorealismo Italiano*, o *Realismo Soviético*, e como não falar do *Cinema Novo* no Brasil.

Tendo conhecimento dessas escolas cinematográficas que passam a se desenvolver no pós-guerra, escolas essas que procuravam trazer para as telas a crítica a realidade evidenciando e denunciando as contradições da sociedade de classes, percebe-se que o cinema também tem o potencial de não só entorpecer as nossas visões de mundo, mas também de abrir os nossos olhos para inúmeras realidades.

No intuito de se contrapor ao cinema indústria, cineastas e críticos do cinema passaram a produzir filmes que traziam como elemento central a crítica social. Na próxima seção deste pequeno resumo de nossa pesquisa sobre o Cinema e a Educação procuramos evidenciar tais

suposições trazendo a luz o exemplo do Cinema Novo brasileiro e alguns de seus títulos e diretores que revolucionaram o fazer cinema, sendo hoje uma importante escola estudada no mundo todo.

## **2. O Cinema enquanto crítica social: A experiência dos movimentos de renovação e o Cinema Novo Brasil**

Ao mesmo tempo que podemos considerar que o cinema tem servido essencialmente aos interesses das classes dominantes como foi muito bem evidenciado na *Dialética do Esclarecimento*, também podemos perceber que a organização do mundo tal como estabelecido também produz o seu contrário, a resistência.

Se ele serve aos interesses das classes dominantes também podemos presumir que ele pode servir para a crítica, denunciar as contradições da sociedade de classes. Isso pode ser percebido nos movimentos de renovação do cinema, que surgiram pelo mundo depois da Segunda Guerra Mundial. E ainda hoje podemos perceber a produção de filmes que muito mais de apenas reproduzir a ideologia dominante, permitem também a apreensão e reflexão de modo crítico sobre a realidade que nos cerca.

Os movimentos de renovação do cinema surgiram como uma forma de se fazer oposição ao cinema da grande indústria. Os Estados Unidos têm dominado o mercado cinematográfico em todo o mundo desde que este ainda dava os seus primeiros passos. Concomitante ao desenvolvimento a sociedade de consumo, o cinema foi utilizado como meio de propaganda, atravessando as fronteiras estadunidenses e entrando nos lares de todo mundo.

Mas, com o fim da Segunda Guerra Mundial que em muito afetou o desenvolvimento do cinema nos países europeus se viu o desenvolvimento dos movimentos de renovação do cinema em oposição ao cinema indústria de Hollywood, e que buscava retratar a realidade social. O *Neorealismo Italiano*, mostrava as condições de vida da população Italiana recém-saída da guerra. Na França, a *Nouvelle Vague* se caracterizava por fazer um cinema mais pessoal, livre das leis rígidas do cinema indústria, em que todos os processos de trabalho estavam submetidos as grandes produtoras.

No Brasil o *Cinema Novo* se destacou e buscava retratar a realidade do povo brasileiro. Cineastas passaram a reproduzir nas telas assuntos que estavam presentes na realidade social brasileira, as expressões da questão social, a política, etc. BERNADET (2017) evidencia que,

No Brasil, estes filmes e ideias encontram terrenos particularmente receptivos, fortalecendo as posições de um grupo integrado, entre outros, por Nelson Pereira Santos, Walter G. Durst, que procuravam encaminhar-se para produções a baixo custo numa situação particularmente adversa à produção cinematográfica, que se opunham ao cinema de estúdio que se julgava ser o estilo de hollywoodiano no Brasil, a Vera Cruz, que procuravam um estética e temática expressivas da situação de subdesenvolvimento do país, um cinema voltado para a questão social e os oprimidos e capaz de fazer a crítica desse sistema social. O neorealismo italiano e o aproveitamento ideológico que foi feito dele estão presentes em filmes como *Rio, quarenta graus* (1955), *Rio, Zona Norte* (1955) (BERNADET, 2017).

O movimento de renovação do cinema brasileiro surge em meados da década de 1950, e nos anos de 1960 o golpe militar coloca mais entraves ao desenvolvimento de um cinema independente com a censura em 1968, a perseguição aos artistas e todos aqueles que se oponham ao poder dos ditadores. No entanto, isso não calou os cineastas, neste período foram produzidos diversos filmes que denunciavam as contradições estabelecidas na sociedade naquele contexto histórico.

PREVITALI (2013) afirma que, “o cinema novo inaugurou no Brasil o comprometimento do cinema com a transformação social e política, buscando mostrar uma realidade que precisava ser modificada” (PREVITALI, 2013).

O cinema não é apenas um instrumento de dominação, mas, pelo contrário, pode ser uma janela pela qual olhamos o mundo, em que um mundo nos é apresentado. Nós, enquanto sujeitos temos a capacidade de ler e interpretar uma produção cinematográfica, e nossas interpretações são mediadas por nossas experiências.

Vimos ao longo da pesquisa filmes extremamente importantes que foram produzidos na segunda metade do século passado e que narram a nossa história, a história que muitas vezes não nos é contada.

A partir disto, assim como Mézaros ressalta a importância de uma educação que vá além do capital, entendemos a importância de um cinema que também vá além, que supere as limitações da sociedade de classes e se constitua enquanto um instrumento contribua para a transformação da realidade social.

O autor não considera que a educação constitui por si mesma a força ideológica que permite a consolidação do capital e tampouco podemos considerar que o cinema sirva apenas para cumprir tal função, mas toda a nossa vida desde a mais tenra idade e todo o universo do qual mantemos contato cotidianamente faz parte de nossa formação e da constituição de nosso ser social. (CARNEIRO, 2021)

## **Conclusão**

É fato que há filmes que podem, muito mais que ser apenas entretenimento para a manutenção de uma consciência alienada em relação a realidade que nos cerca, eles podem também servir para fazer a crítica a realidade estabelecida.

Por mais que os autores da Teoria Crítica tiveram motivos para cair em uma visão fatalista ao observarem que o cinema estava submetido também ao domínio do capital e da rígida divisão do trabalho que nos foi imposta a partir do desenvolvimento da indústria e, não podemos negar que até nos dias de hoje com todos os seus avanços técnico-científicos, por vezes nosso pensamento nos leva a ter essa visão fatalista, quando vemos o avanço sem freios do neoliberalismo.

O neoliberalismo que temos vivenciado atualmente é uma face ainda mais perversa e destrutiva do capital, onde os direitos sociais e trabalhistas estão sendo destruídos e por vezes com o apoio dos próprios trabalhadores, o que nos leva a questionar: como podemos aceitar a destruição de direitos que foram duramente conquistados através das lutas sociais travadas ao longo da história?

Essas questões nos levam a pensar que há diversos meios das classes dominantes fazerem valer seus interesses apresentando-os através dos diversos meios de comunicação como se fossem o interesse geral de toda sociedade. O cinema enquanto parte do desenvolvimento e do processo de socialização dos indivíduos apresenta esta dupla face, se por um lado enquanto propriedade privada serve para legitimar os interesses das classes dominantes, no entanto, também podemos perceber em diversas obras o seu contrário, ou seja, uma visão crítica da realidade.



O cinema possui uma grande influência para a formação da consciência dos sujeitos, é constituinte do desenvolvimento educacional dos indivíduos em sociedade, isto pensando a educação como um processo amplo para além da educação formal. essa consciência pode ser tanto uma consciência alienada em face a realidade ou mesmo uma consciência crítica.

Em nosso estudo, percebemos que o cinema possui essa relação dialética com a realidade e que se pode haver filmes produzidos que legitimam os interesses da classe dominante e naturalizam a sociedade de classes, é possível também perceber que há produções cinematográficas que muito além de apenas reproduzir a ideologia dominante, deixam clara a sua crítica a sociedade.

E por mais que saibamos que podemos produzir filmes que podem nos fazer refletir, questionar, e pensar sobre a realidade que vivemos ainda assim, os filmes que possuem uma grande difusão em todo o mundo são aqueles pertencentes as grandes indústrias cinematográficas de *Hollywood*. Então, nos deparamos como mais um desafio, um entrave, como podemos fazer com que o cinema crítico e reflexivo tenha o maior alcance? Como ele pode sobressair quando toda a técnica está dirigida a valorização do capital?

O cinema não é apenas uma máquina. É produzido por homens e mulheres por sujeitos que não só contemplam a história, mas que fazem a história. Portanto, acredita-se que o cinema, muito além de apenas reproduzir e naturalizar as relações sociais estabelecidas na sociedade de classes, pode também servir de crítica para a desconstrução e construção de visões de mundo que podem contribuir para um novo mundo, que seja um dia verdadeiramente emancipado, um mundo em que a humanidade exista e sua existência não se resuma ao meramente individual. Um mundo que seja de fato compartilhado, que tome consciência que a existência do “eu” depende da vida de toda a sociedade.

No ano de 2019 no projeto de extensão “*Formação Política pela Sétima Arte*” promovemos a exibição de filmes junto a ocupação do Movimento dos Trabalhadores sem Teto localizada no município de Uberlândia em que pudemos discutir temas que devem ter centralidade na discussão pública, como o racismo, o machismo e vimos como o cinema pode ser o ponto de partida para trazer a luz discussões fundamentais que devem avançar em toda a sociedade.

Como afirma DUARTE, em seu livro *Cinema e Educação*, muito mais que uma técnica integrada ao modo de produção capitalista, o cinema consiste em uma prática social que participa na formação e construção do conhecimento e do qual faz parte do processo de socialização dos indivíduos em sociedade. Como afirma a autora,

É inegável que as relações que estabelecem entre espectadores, entre estes e os filmes, entre cinéfilos e cinema e assim por diante são profundamente educativas. O undo do cinema é um espaço privilegiado de produção de relações de sociabilidade. Ver filmes é uma prática social tão importante do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais. (DUARTE, 2017, p.17)

Ou seja, concluímos através da presente pesquisa a relevância do cinema na formação dos sujeitos no qual evidenciamos a sua relação dialética com a realidade histórica em que este fenômeno cultural se manifesta e que indiscutivelmente participa na formação da subjetividade dos sujeitos e do processo de socialização dos indivíduos em sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. E HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução, Guido Antônio de Almeida. – Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BERNARDET, J. C. *O que é cinema*. Brasiliense, 2017.
- CARNEIRO, B.B.L. *Cinema e Educação: A dimensão dialética do cinema e seu papel na formação dos indivíduos*. 2021.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo Editorial, 2015.
- MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Theomai, n. 15, p. 107-130, 2007.
- MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. Boitempo Editorial, 2017.
- PREVITALI, F. S, FAGIANI, C. C., GIL, A. D., LUCENA, C. A. *Educação e Cinema: Formação Política e Prática Pedagógica junto aos Movimentos Sociais Populares do Campo*. Revista HISTEDBR Online, Campinas, nº 50 (especial), p. 161-178, mai. 2013- ISSN: 1676-258.